# DO ACONTECIMENTO PÚBLICO AO ESPETÁCULO POLÍTICO-MIDIÁTICO: O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

# FROM PUBLIC EVENT TO POLITICAL-MEDIA SPECTACLE: DILMA ROUSSEFF'S IMPEACHMENT

*Andressa Prates* [1]
*Rejane de O. Pozobon*[2]

**Resumo:** A partir do entendimento da realidade social contemporânea, permeada pela cultura midiática, observa-se a midiatização do impeachment de Dilma Rousseff, enquanto acontecimento público, e sua transformação em "espetáculo político-midiático" (Weber, 2011). O texto objetiva refletir sobre a midiatização do processo de impeachment, sua transformação em espetáculo político-midiático e em identificar os enquadramentos da cobertura jornalística acerca deste processo. Através da análise dos enquadramentos (Gamson e

1. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política CNPq/UFSM. Bolsista Capes. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7238174074402128
E-mail: andressac.prates@hotmail.com

2. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política CNPq/UFSM. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4513978248449141 E-mail: rejane.op@terra.com.br

Modigliani 1989), constatamos que os jornais se posicionam favoráveis ao impeachment de Dilma. Enquadram a ex-presidente como derrotada, reforçam os questionamentos e o descrédito sobre seu governo. Consideramos ainda, que os jornais excluíram a possibilidade de problematizar as questões políticas e econômicas que levaram à abertura do processo.

**Palavras-chave:** Acontecimento público. Espetáculo político-midiático. Midiatização.

**Abstract:** From the understanding of the contemporary social reality permeated by the media culture, one observes the mediatization of Dilma Rousseff's impeachment, as a public event, and its transformation into a "political-media spectacle" (Weber 2011). The text aims to reflect on the mediatization of the process of impeachment, its transformation into a political-media spectacle, and to identify the frameworks of journalistic coverage about this process. Through the analysis of the frameworks (Gamson e Modigliani, 1989), we find that the newspapers are in favor of Dilma's impeachment. They describe the former president as defeated, reinforce the questions and discredit his government. We also consider that the newspapers excluded the possibility of problematizing the political and economic issues that led to the opening of the process.

**Keywords:** Public events. Political-media spectacle. Mediatization.

## 1 Introdução

A ideia da política como atividade pública remonta do seu nascimento na Grécia Antiga, quando os homens reuniam-se no espaço denominado ágora para debater assuntos de interesse comum. No decorrer dos séculos estas atividades foram modificadas e a partir da modernidade, com o estabelecimento do Estado moderno, a distinção entre público e privado – por meio das transformações institucionais - ganhou novos significados. Mudanças que foram intensificadas com o advento dos meios de comunicação e que provocaram

alterações sobre a questão da visibilidade ou publicidade nas relações de poder.

A centralidade dos meios de comunicação na contemporaneidade tem modificado as lógicas de diversos setores da sociedade. Assim como, o cotidiano dos sujeitos. Desde a invenção da imprensa no século XV, a evolução tecnológica vem proporcionando mudanças nas interações sociais, mas a comunicação midiática no estágio atual possibilita um papel preponderante dos meios, os quais exercem domínio sobre as demais instituições sociais e culturais. Ainda mais com a ascensão digital, os processos midiáticos tornaram-se cada vez mais centrais e necessários, tanto no nível do entretenimento, quanto ao mundo dos negócios, da política, da educação, religião, informação, entre outros, modificando suas lógicas de funcionamento.

A dominação midiática sobre outras instituições não significa que a mídia se torna mais importante, ou que os outros campos sociais sejam menos autônomos, mas sim, que a sociedade contemporânea é permeada pela cultura midiática. Conforme explica Stig Hjarvard, "para compreender a importância da mídia em nossa moderna cultura e sociedade, já não podemos contar com modelos que a concebem isoladamente da cultura e da sociedade" (2014, p. 15).

Considera-se, portanto, que a sociedade e a cultura tornaram-se midiatizadas. Desta forma, a política é, assim como as demais instituições, influenciada pela lógica da mídia. Suas ações e estratégias são modificadas e atualizadas em função da centralidade midiática. Sendo que as lógicas das duas instituições – política e midiática – ora se fundem, ora sobrepõem-se uma à outra. Portanto nos filiamos à concepção de Hjarvard sobre a midiatização da política, o qual a compreende enquanto "o processo pelo qual a instituição política gradualmente se torna dependente das instâncias midiáticas e de sua lógica" (2014, p. 76).

Assim, para este estudo, partimos da ideia de que a transformação de um acontecimento público – o impeachment de Dilma Rousseff – em espetáculo político-midiático (Weber, 2011) se dá por conta do contexto midiatizado em que se encontra a política. Para tentarmos identificar a parti-

cipação da midiatização sobre o campo político, analisamos os enquadramentos jornalísticos sobre o impeachment de Dilma Rousseff e a transformação deste acontecimento em espetáculo político-midiático (Weber, 2011). As questões centrais que suscitam nesta pesquisa estão em responder como a mídia enquadrou o impeachment de Dilma Rousseff e quais as características desta cobertura nos permite identificar a transformação do acontecimento em espetáculo. Tendo como hipótese a ideia de que os enquadramentos utilizados pelo jornal são favoráveis ao impeachment.

O *corpus* de análise é composto pelas reportagens dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo*[3], nas edições que tratam da votação pela abertura do processo de impeachment de Dilma, na Câmara dos Deputados, e sobre a votação final do processo no Senado Federal.

## 2 O Impeachment Enquanto Acontecimento Público

Compreendemos por acontecimento público, os acontecimentos que suscitam ações e respostas que levem à solução ou à reflexão sobre aspectos ou problemas de ordem pública. Ou ainda, quando o próprio acontecimento acarrete em um problema de ordem pública.

Filiamo-nos à perspectiva de Quéré para abordar o conceito de acontecimento. Para o autor, os acontecimentos são capazes de afetar os sujeitos, de fazer-lhes sentir. Por isso, as consequências são mais definidoras do acontecimento do que as suas causas, e é desta forma que ele se esclarece, após provocar/acontecer ao sujeito, ou sujeitos.

3. A escolha dos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* se dá por estes serem os de maior circulação nacional e, portanto, importantes dentro do campo jornalístico. Outro fator determinante para a escolha de jornais impressos como objetos empíricos é o nível de confiança que os brasileiros depositam nesta fonte de informação. De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, divulgada em 2015, os jornais impressos são os veículos em que os brasileiros mais confiam.

Assim, se torna acontecimento na medida em que acontece a alguém.

> Enquanto fato no mundo, inscrito no tempo, o acontecimento implica uma modalidade particular de experiência. Poderá ter sido esperado e, quando produzido, satisfazer ou desfazer as esperanças, validar ou contrariar as previsões, preencher ou desiludir as expectativas. (Quéré, 2005, p. 67).

Desta forma, uma das características do acontecimento é a sua capacidade de individualização. Pois, enquanto ele produz efeitos sobre os sujeitos a quem afeta, ele continua a ocorrer. E é na produção de efeitos que o acontecimento proporciona a experiência individual ou coletiva aos sujeitos afetados por ele.

Outro aspecto é a disposição para assemelhar os sujeitos, sendo este o aspecto que incide a experiência pública do acontecimento. Afinal, em relação aos acontecimentos, "na medida em que as maneiras como os vivemos, como os interpretamos, como nos deixamos afectar por eles, como sofremos com eles ou rejubilamos, como lhes respondemos [...] elaboram seus sentidos e significações" (Babo Lança, 2005, p. 90). Isso se dá em função de atributos coletivos como julgamento moral, usos e costumes, hábitos, regras socioculturais etc., estabelecidos dentro de determinado grupo ou comunidade.

Mais uma característica do acontecimento é a temporalidade, o qual se estabelece em relação ao passado, presente e futuro. Diz-se que ele se alonga para o futuro e para o passado (Quéré, 2005). Para o futuro, porque é a partir dos seus efeitos que ele realmente é compreendido e para o passado, porque retomamos acontecimentos passados que contribuem para a compreensão e interpretação do presente. A partir da sua ocorrência, o acontecimento é identificado, interpretado e apropriado na experiência pública, assim, "o acontecimento passa a estar dotado de um passado, um futuro e uma situação" (Babo Lança, 2005, p. 88).

Durante o andamento do processo de impeachment e logo após a sua aprovação definitiva muitas vezes o impeachment de Collor foi retomado. Como foi a primeira experiência de imputação de mandato presidencial no país, foi relembrado para auxiliar no entendimento do processo contra Dilma, desde em relação aos tramites jurídicos, quanto às consequências políticas de tal acontecimento, na tentativa de prever ou de desvendar seus possíveis efeitos.

O acontecimento possui ainda, um poder revelador, "apresenta, pois, um carácter inaugural, de tal forma que, ao produzir-se, ele não é, apenas, o início de um processo, mas marca também o fim de uma época e o começo de outra" (Quéré, 2005, p. 60). Neste sentido, podemos perceber que um processo de impeachment presidencial tem o poder de marcar o fim de um governo e o início de outro, representa um marco temporal – o antes e o depois do impeachment de Dilma. Para alguns este acontecimento é percebido com alegria, enquanto para outros é motivo de descontentamento político. O processo inaugurou uma nova fase, podendo, até mesmo, abrir precedente para novas interpretações institucionais acerca de futuros afastamentos de chefes do executivo federal, estadual ou municipal. Neste caso, pode-se retomar a característica temporal do acontecimento, e sua capacidade de alongar-se para o futuro e para o passado.

Tendo o impeachment de Dilma como exemplo, remetemos a outro aspecto dos acontecimentos que é a descontinuidade. Pois mesmo quando esperado, o acontecimento provoca algo novo. "Quando um acontecimento se produziu, qualquer que tenha sido a sua importância, o mundo já não é o mesmo: as coisas mudaram." (Quére, 2005, p. 61). A respeito da característica de descontinuidade, Babo Lança (2005) considera que o acontecimento possui, em certa medida, uma indeterminação e, assim sendo, muitas vezes é incompreendido em um primeiro momento. O exemplo utilizado pela autora é o atentado de 11 de setembro, nos Estados Unidos. A imprevisibilidade do ataque provoca uma descontinuidade na normalidade, não somente da cidade de Nova Iorque, mas no mundo inteiro. Somente com o passar das horas foi possível compreender que o que havia acontecido era um atentado

terrorista, ainda assim, a dimensão do problema instaurado, do número de mortos, dos danos patrimoniais, emocionais etc. só foi inteiramente absorvido, interpretado e apropriado na experiência pública com o passar dos dias.

Na concepção utilizada neste estudo, a mídia, embora exerça função preponderante, não é definidora dos acontecimentos. Compreendemos que os silêncios da mídia sobre determinado acontecimento público também pode ter muitos significados e, portanto, este acontecimento não deixa de existir, pois mesmo não sendo divulgado afetou indivíduos ligados a ele.

Desta forma, entendemos que o papel da mídia é o da publicização dos acontecimentos e dos problemas públicos. Segundo Quéré, a mídia cumpre a função "da identificação e da exploração dos acontecimentos, por outro, do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas." (2005, p. 72-73). Assim, a mídia utilizará de diversas estratégias discursivas para despertar o interesse do maior número de pessoas acerca do acontecimento reportado.

## 3 A midiatização e a espetacularização do político

As constantes transformações às quais as novas configurações da visibilidade política estão submetidas, devido à centralidade das lógicas midiáticas no contexto dos processos e interações sociais entre campos, instituições e sujeitos, têm modificado a relação entre governantes e governados e a lógica da obtenção do poder. Compreendemos que a realidade social contemporânea é permeada pela cultura midiática - visto que a constituição e o funcionamento da sociedade estão atrelados à lógica da mídia, onde "os processos interacionais e a própria organização social, se fazem tomando como referência o modo de existência desta cultura, suas lógicas e suas operações" (Fausto Neto, 1998, p. 92).

Na perspectiva de Hjarvard o conceito de midiatização designa "uma condição ou fase do desenvolvimento global

da sociedade e da cultura, em que os meios de comunicação exercem uma influencia particularmente dominante sobre outras instituições sociais" (2014, p. 31). Onde os outros campos ou instituições se tornam dependentes e são influenciados pelas lógicas da mídia. Lógica da mídia é compreendida aqui como os *modus operandi* dos meios de comunicação, as operações de ordem institucional, estética e tecnológica. Ou seja, são as propriedades de funcionamento da mídia enquanto campo social como, por exemplo, as de caráter simbólico e econômico; capitais sociais que muitas vezes são determinantes na influencia dos meios de comunicação sobre os demais campos.

O capital simbólico disseminado pela predominância da cultura midiática pode ter influencia na construção da identidade dos indivíduos e nas maneiras como estes compreendem os acontecimentos sociais divulgados pelos meios. Conforme Hjarvard:

> Na medida em que os meios de comunicação cada vez mais se tornam parte da vida cotidiana dos indivíduos, textos, imagens e discursos midiáticos tornam-se parte da construção da identidade individual. (Hjarvard, 2014, p. 28).

Mesmo sem se valer do conceito de midiatização, Aldé (2004) aborda a capacidade dos meios de comunicação em influenciar no posicionamento do cidadão comum acerca de assuntos relativos à esfera política, assim como este se utiliza de argumentos pré-fabricados na mídia para justificar seus posicionamentos sobre política. Percebemos deste modo, o quanto o campo da mídia pode ser determinante para a interpretação dos sujeitos a respeito dos acontecimentos públicos.

De acordo com Stromback, o aspecto mais importante da midiatização da política é "o grau em que a política se tornou mediada; que é o grau que as pessoas dependem da mídia para se informar sobre a política e assuntos sociais". (s/ano, p. 5). Conforme o autor, desta forma a mídia cria um pseudo-ambiente, de onde produz construções acerca da realidade. Este ambiente criado pela mídia pode ser verifica-

do, por exemplo, quando o jornalismo realiza as coberturas noticiosas sob a lógica espetacular.

A transformação de acontecimentos públicos em espetáculos "abrange a apropriação e midiatização do acontecimento público de qualidade singular; a tradução do acontecimento em gêneros e formatos próprios da informação, da propaganda e do entretenimento" (Weber, 2011, p. 197-198). O acontecimento público legitimado como notícia é apropriado como espetáculo-midiático, o que "ocorrerá, de maneira incontrolável, em todos os tipos de mídia e será adaptada a todos os gêneros que possam explorar algum ângulo desse acontecimento público." (Weber, 2011, p. 198).

Resumidamente, um acontecimento público é transformado em espetáculo político-midiático ao reunir o poder do fato político aos poderes e interesses dos meios de comunicação. Para tanto, ele necessita possuir características potenciais para que o espetáculo seja fabricado. Ele tem de provocar impacto na vida dos indivíduos e na sociedade (Weber, 2011). No caso em análise, o impeachment presidencial provém da instituição política e se impõem aos meios de comunicação, provoca mudanças no cenário político, na esfera política enquanto instituição, aos agentes políticos que mudam de posição dentro do campo e, assim, provoca impactos na sociedade como um todo.

O impeachment é de natureza política, possui autonomia – pois tem capacidade de permanência e se impõem à mídia e demais instituições, tem a característica da passionalidade, porque desperta paixões nos indivíduos afetados direta e indiretamente por ele, assim também possui ligação com ideais coletivos políticos, sociais, morais, éticos e jurídicos. Estas especificidades estão atreladas à qualidade do acontecimento:

> A qualidade é a essência, a sua verdade e a sua integridade que o torna passível de espetacularização e rentável a cada reapresentação. Nessa qualidade é possível identificar a permanência da estrutura vital do acontecimento, como algo que sobra, que vai além do espetáculo e reme-

> te à questão das paixões, do poder dos sujeitos dos quais depende a memória sobre o acontecimento. (Weber, 2011, p. 192).

De acordo com Maria Helena Weber, a convergência do acontecimento que se dá nos limites da política e da mídia possibilita a identificação de um espetáculo hibridizado entre os dois campos. Apesar de o impeachment enquanto acontecimento público surgir na esfera política, a sua transformação em espetáculo se dá por conta da intensa visibilidade proporcionada pelo campo midiático, que irá traduzir o acontecimento na linguagem da mídia com o objetivo de comercializar o espetáculo gerando consumo e lucro. Como resultado, a última etapa da fabricação do espetáculo se dá com a partição das imagens, ou seja, o lucro simbólico que obtém as instituições e organizações que dele fizeram parte.

## 4 Enquadramentos em *O Globo* e *Folha de S. Paulo*

O estudo dos enquadramentos utilizados pelos jornais *O Globo* e *Folha de S. Paulo* acerca do processo de impeachment de Dilma Rousseff faz parte de uma pesquisa maior de dissertação de mestrado. Para este artigo analisamos as edições dos dois jornais posteriores à votação pela abertura do processo de impeachment na Câmara dos Deputados, que aconteceu no dia 17 de abril, e a votação final que decidiu pela deposição definitiva de Dilma da presidência, ocorrida em 31 de agosto no Senado Federal. Definidas as edições, selecionamos os textos das reportagens que trataram do tema.

A perspectiva dos enquadramentos permite o uso de abordagem teórica e metodológica. Conceitualmente entendemos os enquadramentos como chaves de sentido que permitem que elementos simbólicos dispostos nos textos e imagens acionem significados ao discurso, facilitando a compreensão das ideias que estão sendo transmitidas à recepção. A junção dos enquadramentos forma os “pacotes interpretativos de sentido” (Gamson; Modigliani, 1989) que

auxiliam no entendimento da abordagem dos meios de comunicação sob dada temática.

Os pacotes são formados pelos "dispositivos de enquadramento" e pelos "dispositivos de justificação". Para esta pesquisa elencamos somente os "dispositivos de enquadramento", pois consideramos que dão conta do objetivo proposto. Estes dispositivos são os componentes dos textos que sugerem como a temática abordada deve ser pensada. Eles são divididos em: metáforas, slogans ou chavões, exemplos, representações e imagens visuais. Definimos as categorias da seguinte forma:

a) Representações[4]: escolha de palavras, adjetivações, expressões, personalidade e comportamento que visem caracterizar a presidente Dilma, o seu governo ou o momento político.

b) Metáforas: figura de linguagem utilizada nos textos, geralmente em sentido ironizado.

c) Exemplos[5]: descrevem as ações da presidente ou do governo, retoma ou descreve acontecimentos. E, ou, utiliza exemplos históricos a partir dos quais lições são extraídas.

d) Slogans ou chavões: palavras ou frases de efeito, vulgarizados e "clichês".

e) Imagens visuais: fotografias, imagens de computação gráfica, charges ou caricaturas.

4. A descrição deste dispositivo é baseada em Schaefer e Pozobon. Os quais definiram o dispositivo de "Representações" como: "Escolha de palavras, expressões, adjetivações e slogans utilizados para caracterizar o líder empresarial, descrevendo características e traços de personalidade, habilidades específicas, estilo e modo de comportamento" (2014, p. 74).

5. A descrição deste dispositivo é baseada em Gamson e Modigliani (1989), Schaefer (2014) e de acordo com a temática estudada. Schaefer e Pozobon (2014) definem "Exemplos" como: "Descrevem a ação do líder no contexto em que opera, seu estilo de comportamento, atitudes e posturas diante dos contextos que se apresentam e valores que adota para conduzir a equipe, resolver problemas ou aproveitar oportunidades de mercado".

## 4.1 Análise das edições

Na edição do jornal *O Globo* de 18 de abril de 2016 (edição posterior à votação pela abertura do processo de impeachment na Câmara) foram selecionadas e analisadas nove reportagens mais a capa da edição que trouxeram como pauta o processo de impeachment. Foi possível identificar que o jornal caracterizou Dilma Rousseff como derrotada, isolada e fragilizada. Já na capa da edição, *O Globo* chama a atenção dos leitores para o título em destaque – "PERTO DO FIM"; mesmo que o processo tenha apenas iniciado o jornal vende a ideia de que a presidente tem pouca, ou nenhuma chance de permanecer no poder. Este é o primeiro aspecto que denota a lógica da provocação, de despertar a curiosidade no leitor, a lógica da dramaticidade, portanto do espetáculo.

Uma das reportagens que merece maior destaque dentro do quadro de observações desta edição é a intitulada "Desafio é recuperar a confiança", na página 31 do jornal. No texto há o claro posicionamento em apoio à saída de Dilma Rousseff da Presidência da República, como é possível verificar no trecho: "O ambiente para negócios tende a melhorar com a possível saída de Dilma". Identificamos ainda, que *O Globo* utiliza fontes para legitimar o seu posicionamento. Sem informar quais são as fontes há a seguinte afirmação: "os empresários avaliam que, caso Michel Temer assuma a presidência, haverá esforços para a retomada de uma política econômica ortodoxa, com ênfase no ajuste fiscal". No decorrer do texto são reforçados os pontos de vista com os depoimentos das fontes, entre elas o proprietário da rede varejista Riachuelo, recentemente envolvida em escândalo por terceirização de trabalho análogo a escravidão. De acordo com Tuchman (1999, p. 82), "Ao acrescentar mais nomes e citações, o repórter pode tirar as suas opiniões da notícia conseguindo que outros digam o que ele próprio pensa".

Nesta reportagem evidencia-se a defesa da ideologia neoliberal. Por meio dos ideais desta corrente político-econômica se dá uma das maneiras de o campo midiático pressionar

o campo político. Dentre vários aspectos, para que o Estado interfira minimamente na economia, possibilitando assim, que os monopólios e oligopólios de mídia aumentem seus capitais econômicos através de transações nacionais e internacionais, livre concorrência, diminuição de impostos, não controle do Estado sobre sua atuação no âmbito econômico.

Com base nas as observações realizadas, consideramos que o jornal *O Globo*, em sua edição de 18 de abril de 2016, enquadrou a presidente Dilma como derrotada, sem condições de governar, sendo a solução para a recuperação do país a sua saída da Presidência. Outro enquadramento que podemos identificar é de que a solução para o momento político e econômico do país é o governo Temer, embora este seja por vezes representado como esperto, astuto e traiçoeiro. A exemplo da charge assinada por Chico Caruso, na qual ele aparece com um rabo de raposa. Metaforicamente o desenho faz uma comparação de Temer com o animal que simboliza a astúcia, a rapidez, a esperteza e o comportamento traiçoeiro. O que vem ao encontro das denúncias dos membros do governo e da própria Dilma, os quais o acusam de traição.

Na edição do dia 18 de abril na *Folha de S. Paulo*, os enquadramentos mais recorrentes sobre a presidente Dilma é de que ela está derrotada e é resistente. Os textos reforçam o descrédito e os questionamentos sobre o governo e o Partido dos Trabalhadores. A *Folha* explora bastante o uso de imagens fotográficas que reforçam os enquadramentos utilizados. Estes enquadramentos são identificados também por meio das metáforas utilizadas nos textos. Na reportagem, "Dilma só não foi traída por PT e PCdoB", a ideia de traição contra Dilma é ressaltada na frase: "O *abandono do barco* incluiu até mesmo ex-ministros seus".

No dia das votações na Câmara, a Esplanada dos Ministérios ficou lotada de manifestantes divididos em dois grandes grupos: de um lado os favoráveis ao impeachment e de outro os contrários ao processo. As fotografias dos manifestantes que pediam pelo impeachment reforçam a ideia de alegria, conquista e comemoração. As manifestações são também comparadas à Copa do Mundo e ao Réveillon. Enquanto as imagens do grupo que não queria a abertura

do processo de imputação presidencial representam a tristeza e a derrota, tanto dos manifestantes, quanto de Dilma. O processo de espetacularização é verificável, principalmente por meio destas imagens, assim como na antecipação dos jornais em relação à imputação da presidente de seu cargo.

Em oito textos selecionados e analisados na edição de 1º de setembro da *Folha* (incluindo a capa da edição), podemos constatar que o jornal enquadrou também o Partido dos Trabalhadores como derrotado, a exemplo do enquadramento tão reforçado nas análises das edições anteriores sobre a ex-presidente. Porém, o que mais chama a atenção é a mudança na representação sobre Michel Temer. Se antes o seu governo era representado e enquadrado como a melhor, ou a única solução para o país, agora é reforçada a ideia de questionamento acerca do seu governo. Os questionamentos giram em torno da capacidade de aprovação de medidas prometidas, principalmente por conta da baixa popularidade do novo presidente.

Também é possível identificar a generalização acerca dos vandalismos cometidos por parte dos manifestantes contrários ao impeachment. Já na capa da edição imagem e texto reforçam o enquadramento de que os manifestantes favoráveis à ex-presidente são depredadores do patrimônio público.

Na primeira edição de setembro de *O Globo* selecionamos 14 textos para análise. Constatamos que o enquadramento principal, a exemplo do que também ocorre na edição da *Folha de S. Paulo*, é o questionamento sobre o governo Temer. Algumas das reportagens destacam as medidas prometidas pelo presidente, embora reforcem que Temer tem vários desafios pela frente. O que deve ser destacado em relação a este enquadramento é que antes da deposição de Dilma, o governo Temer era enquadrado como a solução para o país, agora é reforçada a representação de questionamento acerca da capacidade de aprovação de tais medidas e de governar com baixa popularidade.

Outro enquadramento recorrente é o de Dilma derrotada. O texto da página 09 da edição traz ainda a ideia de traição sofrida pela ex-presidente por parlamentares que antes

foram seus aliados, incluindo ex-ministros. E novamente os manifestantes contrários ao impeachment são representados como vândalos.

## 5 Considerações Parciais

Podemos constatar que os dois jornais pesquisados posicionaram-se favoráveis ao impeachment de Dilma, mesmo que não o tenham defendido abertamente. Identificamos também, que os dois enquadram Dilma como derrotada e reforçam os questionamentos e o descrédito sobre seu governo. O que cria o enquadramento de que os erros do governo são os únicos culpados pela abertura do processo e pela cassação do mandato. Portanto, os jornais excluem a possibilidade de problematizar as questões políticas que levaram ao impeachment, assim como análises mais aprofundadas acerca das decisões econômicas do governo Dilma – já que sua popularidade caiu com o agravamento da crise econômica, aumento da inflação e do desemprego.

Os jornais fazem uso da "vulgarização" - que segundo Charaudeau (2006) é o ato de explicar um fato de maneira acessível a pessoas que tem diferentes níveis de entendimento. A questão é que toda vulgarização implica em uma deformação do fato.

> Mas, além disso, como a vulgarização é constantemente atravessada por uma visada de captação, isso tende a transformá-la numa vulgarização dramatizada. Desse ponto de vista, pode-se dizer que as mídias trapaceiam cada vez que uma explicação é apresentada como a decodificação simplificada de uma verdade oculta, como acessível a todos e a mesma para todos graças ao efeito mágico da vulgarização. (Charaudeau, 2006, p. 62-63).

A vulgarização é dramatizada, porque as mídias tendem a mobilizar o público ao focar em sua afetividade, procurando assim, desencadear uma "paixão" pela informação.

Para mobilizar esses sentimentos e emoções, as mídias, para Charaudeau (2006), se baseiam nos imaginários sociais e crenças socioculturais presentes em cada comunidade. Para interpelar esse "fazer sentir" do público, as mídias procuram então, encenações discursivas, marcadas, muitas vezes, pela espetacularização da informação.

Consideramos, ainda, que os quadros de sentido acionados pelos dois jornais de maior circulação no país podem ser definidores na formação política de seus leitores e na interpretação que estes fazem acerca dos acontecimentos, já que "os meios de comunicação contribuem para a construção de esquemas explicativos socialmente compartilhados" (Aldé, 2001, p. 187).

Por meio dos enquadramentos de *derrota* e de *questionamento* (tanto do governo Dilma, quanto do governo Temer) é possível identificar como os jornais traduziram o acontecimento de acordo com sua linguagem. No mesmo sentido, eles reforçam seu *modus operandi* espetacularizante, o qual tem como objetivo a comercialização e consumo das informações. A partição das imagens é identificada no momento em que se percebe que a ampla cobertura das etapas relacionadas ao processo de impeachment garantiu aos meios de comunicação lucro econômico e simbólico. Simbólico, porque reportaram parte importante da história política do país. E econômico devido à ampla audiência televisiva, no acesso de sites de notícia e na venda de exemplares impressos – o que é posteriormente convertido em venda de anúncios publicitários.

## Referências

ALDÉ, A. *"A construção da Política": Cidadão comum, mídia e atitude política*. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/senado/educacao/trabalhos-academicos/a-construcao-da-politica-cidadao-comum-midia-e-atitude-politica. Acesso em: 16 de jun./2016.

BABO LANÇA, I. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. In.: *Trajectus – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. n. 06. Primavera de 2005.

BRASIL. Previdência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: http://www.brasil.gov.br/governo/pesquisa-brasileira-de-midia. Acesso em 30 de novembro de 2016.

CHARAUDEAU, P. *O Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. *Revista Matizes*. n. 02. Abril de 2008.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. *Media discurse and public opinion on nuclear power:a construcionist approach*. American JournalofSociology, v. 95, p. 1-37, 1989.

HJARVARD, Stig. *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In.: *Trajectus – Revista de Comunicação, Cultura e Educação.* n. 06. Primavera de 2005.

SCHAEFER, R; POZOBON, R. *O líder em Exame: o enquadramento da liderança na mídia de negócios*. 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

STROMBACK, J. *Midiatização da Política: sobre uma estrutura conceitual para Pesquisa Comparativa*. s/ano. Disponível em: http://pt.slideshare.net/gpcomunicpublicapolitica/cap-19-midiatizao-da-poltica-sobre-uma-estrutura-conceitual-para-pesquisa-comparativa. Acesso em: 27 de out. de 2016.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas.

In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2ed. Lisboa: Vega, 1999.

WEBER, M H. *Comunicação e Espetáculos da Política.* Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.